

Rapunzel

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um homem e uma mulher que havia muito desejavam em vão ter um filho. Por fim, a mulher começou a ter esperança de que o bom Deus realizaria seu desejo. Na parte dos fundos da casa, tinham uma pequena janela de onde se podia ver um magnífico jardim, cheio das mais belas flores e ervas. Mas ele era cercado por um muro alto, e ninguém se atrevia a entrar, pois pertencia a uma feiticeira de grande poder, temida por todo o mundo. Um dia, a mulher estava àquela janela olhando para o jardim quando viu um canteiro plantado com os mais belos rapúnzios. Pareciam tão frescos e verdes que ela ficou com vontade de comê-los e sentiu um desejo imenso. Esse desejo crescia a cada dia e, como sabia que não poderia conseguir nenhum, foi definhando e ficou pálida e abatida. O marido se assustou e perguntou:

— O que você tem, querida esposa?

— Ah — respondeu ela —, se eu não conseguir comer rapúnzios daquele jardim atrás da nossa casa, vou morrer.

O marido, que a amava, pensou: “Antes de deixar sua mulher morrer, você vai buscar alguns rapúnzios para ela, custe o que custar.” Assim, ao anoitecer, pulou o muro para entrar no jardim da feiticeira, arrancou às pressas um punhado de rapúnzios e os levou à mulher. Ela logo fez uma salada e a devorou com toda a avidez. Mas ela os achava tão gostosos, tão gostosos, que no dia seguinte sua vontade era três vezes maior. Para que ela tivesse sossego, o marido precisou entrar no jardim mais uma vez. Ao anoitecer, tornou a

descer até lá, mas, assim que escalou o muro e chegou ao outro lado, levou um susto enorme: a feiticeira estava diante dele.

— Como você se atreve — disse ela, com um olhar furioso — a entrar no meu jardim e roubar meus rapúncios como um ladrão? Você vai se dar mal.

— Ah — respondeu ele —, tenha misericórdia em vez de aplicar a lei! Só me decidi a fazer isso por necessidade. Minha mulher viu seus rapúncios pela janela e sente tamanho desejo que morreria se não pudesse comê-los.

Então a feiticeira abrandou a cólera e lhe disse:

— Se é como você diz, vou permitir que leve quantos rapúncios quiser, mas imponho uma condição: você deve me dar a criança que sua mulher vai trazer ao mundo. Ela ficará bem, e cuidarei dela como uma mãe.

No seu medo, o homem concordou com tudo. Quando a mulher deu à luz, a feiticeira apareceu imediatamente, deu à criança o nome de Rapunzel e a levou consigo.

Rapunzel se tornou a criança mais bela debaixo do sol. Quando tinha doze anos, a feiticeira a trancou numa torre no meio de uma floresta. A torre não tinha escada nem porta, apenas uma janelinha bem no alto. Quando a feiticeira queria entrar, ficava lá embaixo e chamava:

*Rapunzel, Rapunzel,
solte seu cabelo para mim.*

Rapunzel tinha cabelos longos e magníficos, finos como ouro fiado. Quando ouvia a voz da feiticeira, soltava as tranças e as enrolava num gancho da janela. Então os cabelos caíam vinte côvados até lá embaixo, e a feiticeira subia por eles.

Passados alguns anos, aconteceu de o filho do rei passar a cavalo pela floresta, perto da torre. Ouviu um canto tão doce que parou para escutar. Era Rapunzel, que, em sua solidão, passava o tempo deixando ressoar sua doce voz. O príncipe quis subir até ela e procurou uma porta na torre, mas não encontrou nenhuma. Voltou para casa, porém aquele canto tocara tanto seu coração que ele ia todos os dias à floresta para ouvi-lo. Certa vez, estava atrás de uma árvore quando viu uma feiticeira se aproximar e a ouviu chamar lá para cima:

*Rapunzel, Rapunzel,
solte seu cabelo.*

Rapunzel deixou cair as tranças, e a feiticeira subiu até ela. “Se é essa a escada por onde se sobe, também vou tentar a sorte uma vez”, pensou ele. No dia seguinte, quando começou a escurecer, foi até a torre e chamou:

*Rapunzel, Rapunzel,
solte seu cabelo.*

Os cabelos logo caíram, e o príncipe subiu. A princípio, Rapunzel ficou muito assustada ao ver um homem entrar, pois seus olhos nunca tinham visto um. Mas o príncipe começou a falar com ela com muita gentileza e contou que seu canto o comovera tanto que não lhe dera sossego e ele precisara vê-la pessoalmente. Então Rapunzel perdeu o medo. Quando ele perguntou se ela o aceitaria como marido, e ela viu que era jovem e bonito, pensou: “Ele vai gostar mais de mim do que a velha senhora Gothel.” Disse que sim e pôs sua mão na dele.

— Eu gostaria de ir com você — disse ela —, mas não sei como descer. Cada vez que vier, traga uma meada de seda. Vou trançar uma escada com ela e, quando estiver pronta, descerei, e você me levará em seu cavalo.

Combinaram que, até lá, ele viria todas as noites, pois de dia vinha a velha. A feiticeira não percebeu nada, até que um dia Rapunzel lhe disse:

— Diga-me, senhora Gothel, por que é tão mais difícil puxar a senhora para cima do que o jovem príncipe? Ele chega aqui num instante.

— Ah, criança sem Deus! — gritou a feiticeira. — O que estou ouvindo de você? Eu pensava que a tinha separado do mundo inteiro, e mesmo assim você me enganou!

Furiosa, agarrou os belos cabelos de Rapunzel, enrolou-os algumas vezes na mão esquerda, pegou uma tesoura com a direita e, ritsch, ratsch, cortou-os, e as belas tranças caíram no chão. Foi tão impiedosa que levou a pobre Rapunzel para um ermo, onde ela teve de viver em grande aflição e miséria.

Na mesma noite do dia em que expulsara Rapunzel, a feiticeira prendeu as tranças cortadas no gancho da janela. Quando o príncipe chegou e chamou:

*Rapunzel, Rapunzel,
solte seu cabelo,*

ela deixou cair os cabelos. O príncipe subiu, mas lá em cima não encontrou sua amada Rapunzel, e sim a feiticeira, que o encarava com olhos maus e venenosos.

— Ahá! — disse ela, zombando. — Você quer vir buscar sua querida esposa, mas o belo pássaro já não está no ninho e já não canta. A gata o levou e ainda vai arranhar seus olhos. Para você, Rapunzel está perdida. Você nunca mais a verá.

O príncipe ficou fora de si de dor e, no desespero, saltou da torre. Salvou a vida, mas os espinhos sobre os quais caiu lhe furaram os olhos. Então vagou

cego pela floresta, comendo apenas raízes e bagas, e não fazia outra coisa senão se lamentar e chorar a perda de sua amada esposa. Assim andou por alguns anos na miséria, até chegar ao ermo onde Rapunzel vivia penosamente com os gêmeos que dera à luz, um menino e uma menina. Ouviu uma voz que lhe pareceu tão conhecida que foi em sua direção. Quando ele se aproximou, Rapunzel o reconheceu, abraçou seu pescoço e chorou. Duas de suas lágrimas molharam os olhos dele, que tornaram a ficar límpidos, e ele pôde enxergar como antes. Levou-a para seu reino, onde foi recebido com alegria, e viveram ainda muito tempo felizes e contentes.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/rapunzel>